



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/12/2018 a 13/12/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/12/2018	9,16	309,10	28,50	5,19	3,74
10/12/2018	9,09	307,90	28,52	5,14	3,74
11/12/2018	9,15	308,90	28,71	5,09	3,75
12/12/2018	9,20	310,80	28,80	5,15	3,76
13/12/2018	9,07	309,40	28,64	5,27	3,75
Média	9,13	309,22	28,63	5,17	3,75

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em -
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	81,20	0,12
RS - Santa Rosa	80,80	0,12
RS - Ijuí	80,80	0,12
PR - Cascavel	77,00	-1,97
MT - Rondonópolis	71,00	-0,56
MS - Ponta Porã	76,60	1,46
GO - Rio Verde (CIF)	73,90	-1,47
BA - Barreiras (CIF)	73,50	0,55
MILHO		
Argentina (FOB)**	169,80	3,66
Paraguai (FOB)**	115,00	0,00
Paraguai (CIF)**	153,60	0,39
RS - Erechim	38,50	-1,28
SC - Chapecó	37,15	-1,59
PR - Cascavel	32,85	1,08
PR - Maringá	32,60	0,31
MT - Rondonópolis	24,90	0,40
MS - Dourados	29,20	-1,02
SP - Mogiana	36,55	0,41
SP - Campinas (CIF)	39,55	1,41
GO - Goiânia	30,90	1,31
MG - Uberlândia	35,00	0,00
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	775,00	0,00
RS - Santa Rosa	775,00	0,00
PR - Maringá	915,00	0,66
PR - Cascavel	875,00	0,00

Período entre 07/12/2018 a 13/12/18

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 13/12/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	34,11	73,25	39,50

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
13/12/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	40,61
Feijão (saco 60 Kg)	135,59
Sorgo (saco 60 Kg)	28,40
Suíno tipo carne (Kg vivo)	2,97
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,17
Boi gordo (Kg vivo)*	4,95

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja nesta semana continuaram melhorando em Chicago, porém, um forte ajuste técnico na quinta-feira as fez recuar abaixo dos níveis do final da semana anterior. Assim, o primeiro mês cotado, após bater em US\$ 9,20/bushel no dia 12/12, caiu para US\$ 9,07 na quinta-feira (13), contra US\$ 9,09 uma semana antes.

O motivo principal das altas continuou sendo a trégua comercial entre EUA e China. A este respeito, durante a semana, o presidente dos EUA voltou a se mostrar otimista, informando que o mercado pode esperar por anúncios importantes nos próximos dias. Com isso, o mercado se manteve firme, porém, sem euforia, pois na prática ainda não apareceram números concretos de aumento de produtos agropecuários estadunidenses nas compras chinesas.

Ajudou a esta cautela o fato de que o resultado comercial de novembro, das importações chinesas de todas as origens, somou 5,38 milhões de toneladas de soja em grão, com um recuo de 38% sobre o mesmo mês de 2017.

Todavia, mais para o final da semana circulou boatos de que os chineses teriam comprado enorme quantidade de produtos agrícolas estadunidenses, podendo ter chegado a 500.000 toneladas, sendo em parte soja. Isto reaqueceu um pouco o mercado, com o fechamento do dia 12/12 atingindo a US\$ 9,20/bushel para o primeiro mês cotado. Este valor é um dólar mais elevado do que o registrado três meses antes em Chicago, para a mesma posição.

Além deste tema, o mercado ficou atento ao anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, feito no dia 11/12. Os números do mesmo vieram sem novidades maiores, ficando ao redor do que o mercado esperava. A produção dos EUA, recentemente colhida, foi confirmada em 125,2 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais em 2018/19 chegam a 26 milhões de toneladas. A safra mundial de soja foi aumentada para 369,2 milhões de toneladas e os estoques finais mundiais foram elevados para 115,3 milhões. Estes números podem ser considerados baixistas no médio prazo. Para o Brasil, o USDA espera uma futura colheita em 122 milhões de toneladas, enquanto para a Argentina a mesma fica em 55,5 milhões de toneladas. Enquanto isso, as importações chinesas seriam de “apenas” 90 milhões de toneladas de soja.

Por outro lado, as exportações líquidas de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 29/11, foram consideradas boas, atingindo a 890.900 toneladas, ou seja, 87% acima da média das quatro semanas anteriores. O maior comprador foi a Argentina, que sofreu violenta frustração de safra na última colheita, com 169.500 toneladas. Para 2019/2020 as vendas externas somaram 4.100 toneladas. No somatório dos dois anos o mercado esperava um volume entre 600.000 e 1,1 milhão de toneladas.

Paralelamente, a Argentina informou que a China aceitou comprar entre 300.000 a 400.000 toneladas de óleo de soja do vizinho país. Tal volume ultrapassa em muito o volume total de apenas 130.000 toneladas compradas nos últimos três anos.

Este conjunto de fatores, e especialmente as negociações em torno do litígio comercial entre EUA e China, deram a sustentação às cotações da soja desde o início de

dezembro. Entretanto, neste dia 13/12 o mercado arrefeceu um pouco, pois ainda espera resultados concretos da trégua comercial entre EUA e China.

Já no Brasil, o câmbio colaborou com a formação do preço da oleaginosa ao se estabelecer, durante a semana, entre R\$ 3,85 e R\$ 3,95 por dólar. Com isso, o produto exportado ganha valor em reais. Todavia, os prêmios nos portos, diante de um possível acerto entre chineses e estadunidenses, despencou nos últimos tempos, fechando a atual semana entre US\$ 0,23 e US\$ 0,77/bushel para dezembro. A média da semana recuou ao redor de 81% em relação a média de meados de outubro, ou seja, há dois meses.

Mesmo assim, a elevação em Chicago impediu um maior recuo nos preços internos da soja. No balcão gaúcho, por exemplo, a semana fechou em R\$ 73,25/saco, recuando 45 centavos sobre o valor médio da semana anterior. Já os lotes recuaram para R\$ 79,50/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 63,50/saco em regiões do Nortão do Mato Grosso, caso de Nova Xavantina, Canarana e Querência, e R\$ 80,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 75,00 no centro e norte do Paraná; R\$ 74,00 em São Gabriel (MS); R\$ 70,00 em Goiatuba (GO); R\$ 72,00 em Uruçuí (PI); e R\$ 70,00/saco em Pedro Afonso (TO).

Dito isso, a comercialização da safra passada, no Brasil, até o dia 10/12, atingiu a 98% do total colhido, contra 96% na média histórica. Quanto a safra nova, que está sendo semeada ainda, a mesma chegou a uma comercialização antecipada, na mesma data, de 34% no país, contra a média histórica de 37%. No Rio Grande do Sul a mesma atingia a apenas 16%, contra 23% na média; no Paraná 28%, contra 26% na média; no Mato Grosso 48%, contra 47% na média; no Mato Grosso do Sul 33%, contra 34% na média; em Goiás 36%, contra 44% na média; em São Paulo 25%, contra 26% na média; em Minas Gerais 30%, contra 38% na média; na Bahia 32%, contra 42% na média; em Santa Catarina 23%, contra 22% na média. Nota-se que o Rio Grande do Sul está com vendas bem abaixo dos demais Estados, sendo que os gaúchos, juntamente com a Bahia e Minas Gerais, venderam antecipadamente, neste ano, bem menos do que a média. (cf. Safras & Mercado)

Pelo sim ou pelo não, por enquanto a estratégia de quem ainda vendeu pouco antecipadamente parece arriscada já que as projeções de preço, para o balcão gaúcho, na colheita, ficam entre R\$ 62,00 e R\$ 72,00/saco, enquanto vendas antecipadas em setembro/outubro passaram a oferecer valores acima de R\$ 80,00/saco para este tipo de comercialização.

Enfim, o plantio da nova safra brasileira de soja atingia a 97% da área esperada, em 07/12, contra 93% na média histórica para esta época do ano. Faltava pouca coisa a ser semeada ainda no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, além do conjunto dos Estados menos expressivos em produção. (cf. Safras & Mercado)

Neste contexto, no sul do Brasil o clima vem provocando prejuízos já no plantio da oleaginosa, com muitas regiões gaúchas tendo que replantar o produto em até três vezes devido a excesso de chuvas seguido de frio fora do normal (no último final de semana chegou a gear e nevar em determinadas regiões gaúchas e catarinenses), fato que aumenta em muito o já elevado custo de produção desta nova safra de soja.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho subiram levemente durante esta semana, com o fechamento desta quinta-feira (13), para o primeiro mês cotado, registrando US\$ 3,75/bushel, contra US\$ 3,72 uma semana antes.

No início da semana o mercado atuou bastante “nervoso” diante da prisão de uma executiva da empresa chinesa Huawei, por suposta violação das sanções sobre o Irã. Tal prisão, ocorrida no Canadá a pedido dos EUA, poderia colocar em risco o início da trégua comercial entre este país e a China. Todavia, na evolução da semana tal fato foi naturalmente absorvido pelo mercado, sem maiores traumas.

Houve desvalorização das moedas dos países emergentes, inclusive o Real brasileiro, fato que deu mais competitividade aos produtos oriundos destes países. O que equilibrou o mercado neste contexto foram vendas de milho estadunidense para o México, fato que impediu o mercado de recuar.

Ajudou igualmente as incertezas quanto ao clima na América do Sul, onde começam a surgir bolsões de dificuldades para a safra de verão, inclusive o milho. Embora ainda cedo, o mercado já começa a se preocupar a respeito.

Somou-se a isso o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA no dia 11/12, o último do ano. O mesmo trouxe poucas novidades, porém, elevou um pouco os estoques finais estadunidenses, para 2018/19, passando os mesmos para 45,2 milhões de toneladas após 44,1 milhões em novembro. Ao mesmo tempo, se a produção final dos EUA, recentemente colhida, permaneceu em 371,5 milhões de toneladas, a produção mundial de milho foi aumentada para 1,1 bilhão de toneladas, com estoques finais atingindo a 308,8 milhões de toneladas. A produção brasileira foi mantida em 94,5 milhões de toneladas e a da Argentina em 42,5 milhões. As exportações brasileiras de milho, para 2018/19, estão projetadas em 29 milhões de toneladas.

Estes números foram considerados neutros pelo mercado, porém, com um pequeno viés de baixa. Todavia, a preocupação com o clima na América do Sul pesou mais no final da semana, fato que manteve os preços aquecidos. Há preocupações climáticas nos Estados brasileiros do Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Goiás, assim como no Paraguai e parte da Argentina.

Para as próximas semanas, as negociações dos EUA com a China e o clima na América do Sul deverão dominar o interesse do mercado mundial do milho.

Neste sentido, na Argentina, a tonelada FOB de milho fechou a semana na média de US\$ 171,00, acusando nova elevação, enquanto no Paraguai a mesma se manteve em US\$ 115,00.

Já no Brasil, o balcão gaúcho registrou a média semanal de R\$ 34,11/saco, contra R\$ 34,51 na semana anterior. Nos lotes, o valor no mercado gaúcho permaneceu entre R\$ 37,00 e R\$ 38,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 20,00/saco em Sorriso, Campo Novo do Parecis e Sapezal (MT) e R\$ 37,00/saco nas

regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Campos Novos, assim como nas região mineira de Itahandu.

A fixação de preços no interior paulista continuou fraca, dando suporte aos preços locais. Os principais consumidores de São Paulo têm encontrado dificuldades para comprar lotes mais importantes de milho junto às regiões produtoras. Com isso, a Sorocabana paulista trabalhou com valores ao redor de R\$ 35,50 a R\$ 36,00/saco, enquanto o referencial Campinas voltou a bater em R\$ 40,00/saco CIF.

No geral, os produtores paulistas continuam retendo milho, forçando os consumidores que não possuem estoques a buscarem alternativas de abastecimento para a segunda quinzena de dezembro. A entrada, mais uma vez, de trigo oriundo da fraca safra brasileira de trigo, especialmente em termos de qualidade, ajuda a segurar os preços do milho internamente.

Pensando no mercado a partir de janeiro e fevereiro, a tendência é de dificuldades em escoar o milho já que o mercado tende a dar preferência à soja. Sem falar que a tabela de fretes ainda vem causando dúvidas e problemas no setor de transporte, tendo havido princípio de greve dos caminhoneiros, novamente, neste início de dezembro no sudeste brasileiro.

Em paralelo, as exportações brasileiras de milho, nos primeiros cinco dias úteis de dezembro, somaram 1,2 milhão de toneladas, com um preço médio de US\$ 203,50/tonelada.

Dito isso, no curto prazo existe premência de tempo quanto a formação de estoques do cereal para o final do ano já que, a partir do dia 20/12, o mercado praticamente para diante das festas natalinas e de Ano Novo.

Segundo analistas, a logística, os estoques já mais baixos, os embarques programados para janeiro, e consumidores acomodados com o perfil do mercado interno tendem a dar suporte aos preços a partir de janeiro. Nos últimos quatro anos, março tem ficado com preços mais elevados para o milho e parece que 2019 não será diferente. (cf. Safras & Mercado) No meio disso tudo ainda está o clima na América do Sul.

Por fim, até o início desta semana de dezembro a safrinha brasileira de milho havia sido comercializada em 82%, contra 69% em igual momento do ano passado. Ou seja, já há pouca safrinha disponível, ao mesmo tempo em que a produção deste ano foi bem menor do que a do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago oscilaram bastante durante esta semana, porém, fecharam em forte alta, com o primeiro mês encerrando a quinta-feira (13) em US\$ 5,27/bushel, após US\$ 5,05 uma semana antes.

No início da semana, sinais de recuo na demanda pelo trigo estadunidense, assim como aversão ao risco por parte dos operadores na Bolsa e a valorização do dólar perante as principais moedas do mundo, tiraram força do mercado.

Entretanto, a expectativa positiva em relação ao acordo comercial entre EUA e China, associado ao bom resultado das exportações estadunidenses, contrariando o sentimento inicial, acabaram revertendo o quadro baixista.

No caso das exportações, as vendas líquidas de trigo estadunidense, para o ano 2018/19, na semana encerrada em 29/11, atingiram a 711.800 toneladas, com o volume ficando 58% acima da média das quatro semanas anteriores. O mercado esperava um volume menor, entre 400.000 e 650.000 toneladas.

Por sua vez, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 11/12, trouxe poucas novidades. O mesmo apontou uma pequena elevação nos estoques finais dos EUA para 2018/19, chegando a 26,5 milhões de toneladas, mesmo com a produção total estadunidense permanecendo em 51,3 milhões de toneladas. Em paralelo, a produção mundial foi mantida em 733,4 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais subiram para 268,1 milhões. A produção brasileira e argentina foi mantida em 4,8 e 19,5 milhões de toneladas respectivamente, sendo que a Argentina deverá exportar 14,2 milhões e o Brasil importar 7,5 milhões de toneladas.

Enfim, no final da semana o mercado encontrou nova sustentação com as notícias procedentes da Austrália. O departamento de agricultura deste país anunciou que a produção de trigo local ficará em apenas 16,95 milhões de toneladas em 2018/19, se consolidando como a menor safra desde 2007/08. A atual safra foi reduzida em 20,2% em relação ao colhido no ano anterior devido a problemas climáticos. Com isso, as exportações de trigo por parte da Austrália deverão recuar 31,5% neste atual ano comercial, ficando em 10,6 milhões de toneladas.

Já no Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 220,00 e US\$ 225,00, se fortalecendo mais um pouco. Para a safra nova o valor ficou igualmente em US\$ 220,00.

No Brasil, os preços subiram em algumas praças. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 39,50/saco, ganhando 52 centavos sobre a média da semana anterior. Enquanto isso os lotes conservaram os R\$ 45,00/saco. No Paraná, o balcão registrou valores entre R\$ 44,50 e R\$ 46,50/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 51,00 e R\$ 54,00/saco. Em Santa Catarina, o balcão oscilou entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, ficaram em R\$ 49,50/saco.

Com a colheita concluída no Rio Grande do Sul, constata-se que a produtividade média ficou ainda mais abaixo do que as últimas estimativas, enquanto a qualidade ficou apenas regular, com o PH abaixo de 78. Com isso, o viés de alta para o trigo de qualidade superior se mantém para as próximas semanas, já que a oferta do mesmo, no país todo, é escassa.

Neste contexto, as importações de trigo pelo Brasil continuam com projeção de alta. Segundo a SECEX, em novembro o país importou 494.028 toneladas, sendo que 75,5% vieram da Argentina. Desde agosto, quando se iniciou o atual ano comercial 2018/19, o Brasil já importou 2,2 milhões de toneladas, sendo 84% procedentes da Argentina, 7,8% do Paraguai, 3,9% dos EUA e 2,8% do Canadá. No mesmo período do

ano anterior o país havia importado 2,0 milhões de toneladas, com 88% oriundas da Argentina.

O volume somente não é maior agora porque os moinhos nacionais se encontram bem abastecidos pelos próximos 60 dias. Assim, espera-se um maior aquecimento das cotações a partir de meados de fevereiro, quando as compras destas empresas retornarem com mais força. Já se cogita que faltará trigo de qualidade superior no país, forçando importações maiores.

Diante de tal quadro, o câmbio ganha importância maior, pois uma desvalorização do Real, como vem ocorrendo atualmente, torna mais caras as importações do cereal, ajudando a elevar o preço do produto nacional. Vale ainda não esquecer que o preço da tonelada do cereal na Argentina igualmente vem subindo nas últimas semanas.

Enfim, o trigo de baixa qualidade, novamente majoritário nesta safra, deverá ser escoado para as indústrias de ração no país e/ou exportado para países asiáticos e africanos.